



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA  
RITA

# O SECULO

## ALMAS DO OUTRO MUNDO

Por FERNANDA DE MATOS E SILVA (DYNETTE)

— Desenhos de ADOLFO CASTANE —

**M**AL anoitecia, em casa do Joãozinho, andava tudo nos bicos dos pés e com cara de caso. Pelo grande e comprido corredor sombrio, de paredes forradas de papel às listras azul escuras e carmezim, nenhum pequeno se aventurava sem primeiro gritar pela criada e esperar que acendessem a luz.

Joãozinho e seus irmãos, António e Leonor, eram três medrosos terríveis, tremendo da própria sombra e fugindo, assustados, ao mais insignificante ruído, fôsse ele qual fôsse.

E por mais que o pai lhes ralhasse, explicasse que não há nada neste mundo que não tenha explicação, não tenha razão de ser, os três assustados continuavam a tremer de tudo e atribuir aquilo que não sabiam explicar às «Almas do outro mundo»!

Ora, uma noite, quando todos dormiam, uma nota límpida, suave, de música, soou na sala de visitas, a essa hora tardia abandonada e imersa em sombras.

Joãozinho, cujo sono era leve, foi o primeiro a acordar. Julgou-se vítima de um pesadelo e, se bem que muito assustado, tentou reagir contra o medo que o invadia. Em silêncio, os dentes en-

trechocando-se, os olhos abertos desmedidamente, na ansia e terror de ver qualquer aparição, esperou uns minutos.

De repente, outra nota musical, doce, reboou no silêncio noturno como um gemido plangente.

O coração de Joãozinho quasi deixou de bater, de atabalhoado, e uma onda de suor frio cobriu-lhe as fontes de camarinhas geladas en-

quanto lhe esfriavam as mãos. Era mais do que a sua valentia podia suportar e, em voz rouca, abafada, irreconhecível, começou a gritar pela mãe.

António, seu companheiro de quarto, dormia numa caminha de madeira ripolinada de branco, ao lado da sua, e, ouvindo aqueles gritos desesperados, acordou, em sobresalto, a gritar, também, sem saber porquê.

No quarto, ao lado, Leonor acordou por sua vez e, esgaziada, de camisita de noite até aos pés, desdenhando responder às perguntas entrecortadas de sono da velha «miss», foi a chorar, bater na porta do quarto da mãe.

Um reboliço medondo seguiu-se a esta cena.

A mãe dos pequenos, aflitíssima, não conseguindo compreender as suas entarameladas expli-

(Continua na página 4)







# BONDAD E

== POR XYZ ==

DESENHOS DE CASTANÉ

**E**

M Sintra, próximo da estação do caminho de ferro, morava um menino chamado Pedro, que era muito bom e amigo de seus pais.

O pai de Pedro, que era pobre, trabalhava numa oficina onde era muito estimado, pelas suas boas qualidades e pelo seu bom carácter.

Pedro tinha muito poucos brinquedos, porque a sua família não tinha posses para lhes com-



prar, nem mesmo se sentia muito atraído para eles, ou, por outra, só havia um pelo qual êle daria todo o dinheiro que tivesse: era uma bicicleta.

Pedro tinha um amigo ainda mais pobre do

que êle e que, para maior infelicidade, era muito doente. Davam-se muito bem e nunca se separavam. Ambos tinham 8 anos de idade.

Ora o pai de Pedro tinha um irmão que, á custa de muito trabalho em África, havia conseguido amealhar alguns contos de réis e era êle quem, em situações difíceis, lhe acudia com algum dinheiro, pois era um homem bom e justo, que sabia avaliar as boas qualidades do irmão.

Quási sempre, pelas férias do Natal, Pedro ia passar a Lisboa uns dias, em companhia do tio, de quem era muito amigo.

No ano em que se passou o que vou contar, o amigo de Pedro, que se chamava Sebastião, piorou muito e os médicos declararam que só uma cura de repouso na Serra da Estrêla o poderia salvar de uma morte certa.

Em vista disto, os pais de Pedro resolveram mandá-lo para Lisboa, para casa do tio, a fim de evitar que a doença se lhe contagiasse.

A Pedro custou muito esta separação, pois sabia que a família do seu amigo não tinha posses para pagar a passagem dêste para a Serra da Estrêla, onde tinha família, e, por isso, calculava que o seu amigo não vivesse muito.

Quando veio para casa dos tios, Pedro vinha muito triste e os tios estranharam-no, tanto mais que êle costumava ser a alegria da casa.

Todos os dias perguntava se tinham vindo notícias do amigo, e os tios, para o sossegar, diziam-lhe que estava melhor e que não pensasse mais nisso. Todavia, Pedro sabia muito bem que a cura do seu amigo só se poderia dar na Serra da Estrêla.

Um dia, o tio de Pedro, vendo-o tão triste, teve tanta pena que lhe disse para se arranjar, pois iria com êle á loja comprar uma bicicleta.

Pedro, ao princípio, recusou; mas, lembrando-se do seu amigo, acabou por aceitar o generoso oferecimento do tio.

Assim que lá chegaram, o tio perguntou o preço da bicicleta; custava 350\$00.





Pedro, então, disse ao tio que precisava falar-lhe em particular e, logo que se afastaram, acrescentou:

— Querio tio, vou pedir-lhe um grande favor: dê-me, antes, o dinheiro do valor da bicicleta.

O tio ficou deveras surpreendido, mas, de bom grado, acedeu ao seu rogo.

Logo que chegaram a casa, Pedro recebeu o dinheiro e manifestou tanto desejo de voltar para junto de seus pais que o tio não teve outro remédio senão levá-lo para Sintra.

Quando Pedro se viu a sós com seus pais, mostrou-lhes o dinheiro e contou-lhes, ao mesmo tempo, como o tinha arranjado. Em seguida, pediu ao pai licença para o ir levar a casa da família do Sebastião, rogando-lhe que não contasse a ninguém como o tinha arranjado.

O pai, maravilhado com a bela acção de Pedro, abraçou-o muito e disse-lhe que se sentia orgulhoso por ter um filho com tão bom coração, enquanto a mãe, abraçada, também, a êle, chorava de alegria.

No dia seguinte, de manhã, o pai, alegando que tinha recebido uma conta em atraso, empres-

tou o dinheiro á familia de Sebastião, o qual, já nessa tarde, pôde seguir para a Serra da Estrêla.

Passaram-se meses e Sebastião, completamente curado, voltou para Sintra.

Adivinham quem estava na estação, á espera dêle?

O Pedro, montado numa bela bicicleta e tendo outra, ao lado, para o Sebastião.

Como se teria dado isto?! Duma maneira muito simples:—o tio, tendo tido conhecimento da bela acção praticada por Pedro, não quis deixar de a recompensar, oferecendo-lhe, então, a tal bicicleta, juntamente com outra para o Sebastião, a fim de que, juntos, pudessem dar grandes passeios.

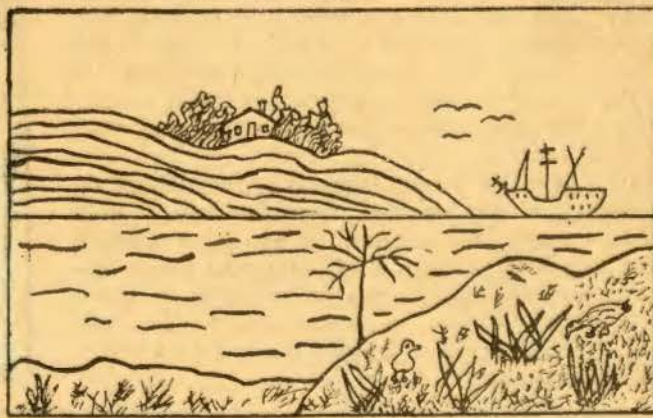
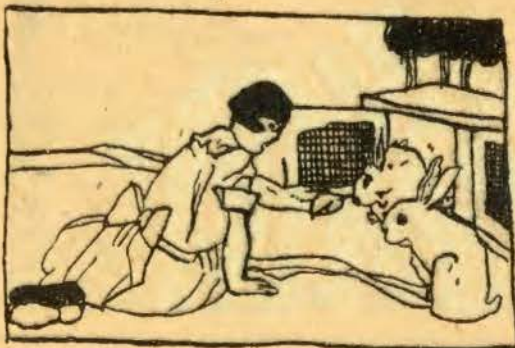
\*

- \* \*

*Meninos e meninas: Nunca hesiteis em praticar acções como esta, e, quando as praticardes, nunca penseis na recompensa.*

■ F I M ■

## COLABORAÇÃO INFANTIL







## ALMAS DO OUTRO MUNDO

(Continuação da 1.ª página)

cações, entre lágrimas e frases desencontradas, quase chorava, também, enquanto as criadas, uma a uma, em extravagantes *toilettes* de ocasião, apreciavam no quarto dos pequenos, chinelos a arrastar e cabelos em tranças pelas costas. Uma chorava e evocava os santos todos da Corte do Céu em auxílio de tamanha desgraça e o chôro, a gritaria só teve um termo quando o sr. Mendonça, encolorizado e severo, veio inquirir do que se passava.

Depois das explicações, desta vez mais concisas do Joãozinho, o pai resolveu adoptar novo sistema para lhes tirar aquele maldito vício do medo. Com voz severa e firme, a que ninguém ousava resistir, intimou a família a segui-lo até á sala, local das temíveis aparições. Quando punha a mão no fecho da porta, o velho relógio antigo badalou soturnamente as doze pancadas da meia noite.

Um grito de terror escapou-se dos lábios de Leonor que se agarrou, nervosamente, á mão calma da mãe; e Joãozinho, se não fôsse o medo de desobedecer ao pai, mais poderoso neste momento do que o que sentia pelas almas do outro mundo, teria batido, vergonhosamente, em retirada, imitado certamente pelo poitrão do António seu fiel imitador.

Mas o sr. Mendonça abriu a porta da sala e, sereno, deu a volta ao comutador de electricidade.

Na sala, elegante e luxuosa, tudo estava na melhor ordem, apenas o piano de cauda, coberto com um precioso «manton» policromo, estava aberto.

E quando já todos mais calmos, se aproximavam do pomposo instrumento, uma rota elevou-se no ar, e o novelo negro e frisado dum lindo *angorá*, de grandes olhos vivos, cõr de esmeralda, saltou para o chão e, assustado, desapareceu por baixo do sofá.

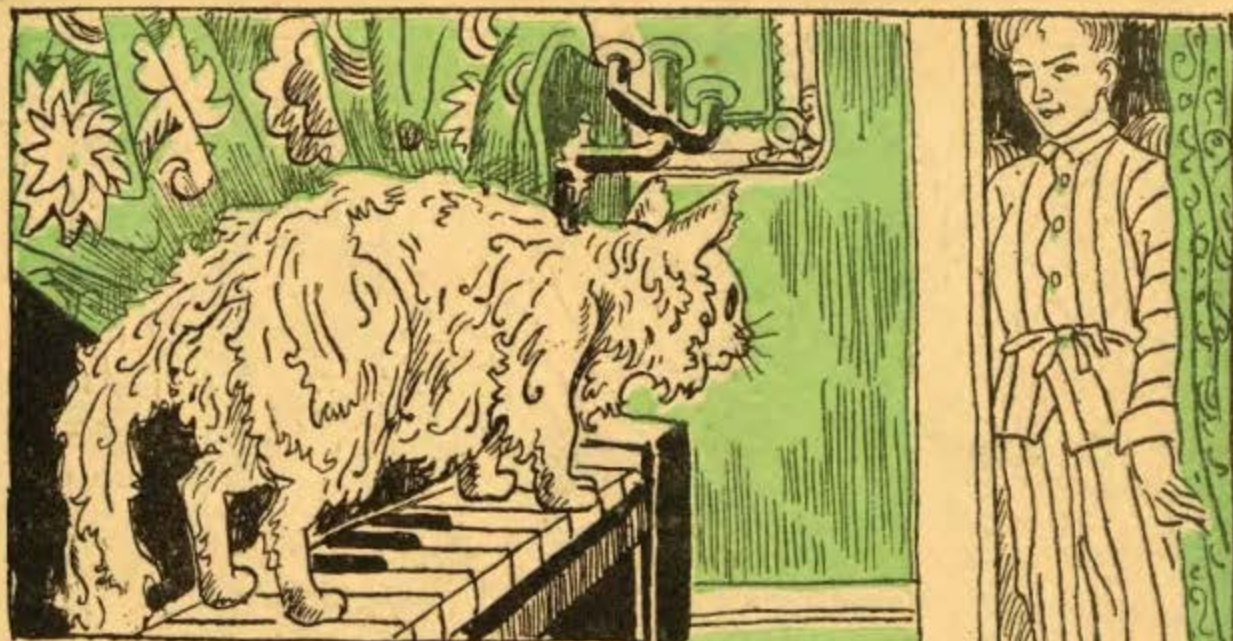
Um grito de terror saiu primeiro de todas as bôcas, mas, em breve, uma estridula gargalhada estrugiu na sala e Leonor, rindo e chorando, sentou-se numa cadeira.

Então, o sr. Mendonça aproveitou o momento para lhes dar a costumada lição.

— Vêem, meus patetas? Quantas vezes lhes







tenho dito que tudo tem explicação e nada há de misterioso na nossa vida?

Quem morre não volta, meus filhos, e só os espíritos fracos e os ignorantes é que acreditam em «almas do outro mundo». Viram que grande susto lhes causou o desgraçado «Pachá»? Se não os obrigasse a virem ver o que lhes causou tamanho susto, jurariam que um fantasma passara a noite a tocar piano para lhes meter medo! E em bicha, uns atrás dos outros, lá se foram para os seus quartos, rindo-se do susto que tinham tido e do desgraçado «Pachá» acordado de sobressalto.

Passados dias, Joãozinho, que jurara a si próprio emendar-se de um defeito que envergonhava a siudez dos seus dez anos e meio, teve ocasião de ganhar o respeito e a admiração dos irmãos mais novos.

Estavam brincando na sala de estudo, depois do jantar.



As criadas faziam os seus serviços na cozinha, afastada das outras salas e os pais conversavam no escritório com uns amigos íntimos que tinham vindo acompanhá-los ao serão.

Os pequenos estavam sós e, obedecendo ao costume antigo, estremeciam e olhavam, desconfiadamente, para tudo o que os rejeava, ao mais leve rumor.

Nisto, uns piões tristes e lúgubres começaram a fazer-se ouvir na sala ao lado; o quarto dos brinquedos.

Leonor tapou os olhos e depois submergiu a cabecita dourada nas almofadas do sofá em que estava sentada e, a tremelicar, apontou para o lado da casa dos brinquedos, chamando a atenção de António, pálido e atemorizado, que se afastara, instintivamente, da porta por onde saía o ruído suspeito.

Joãozinho recuou também, preso de irresistível susto, mas, tomado da resolução de ser corajoso, murmurou aparentemente calmo:

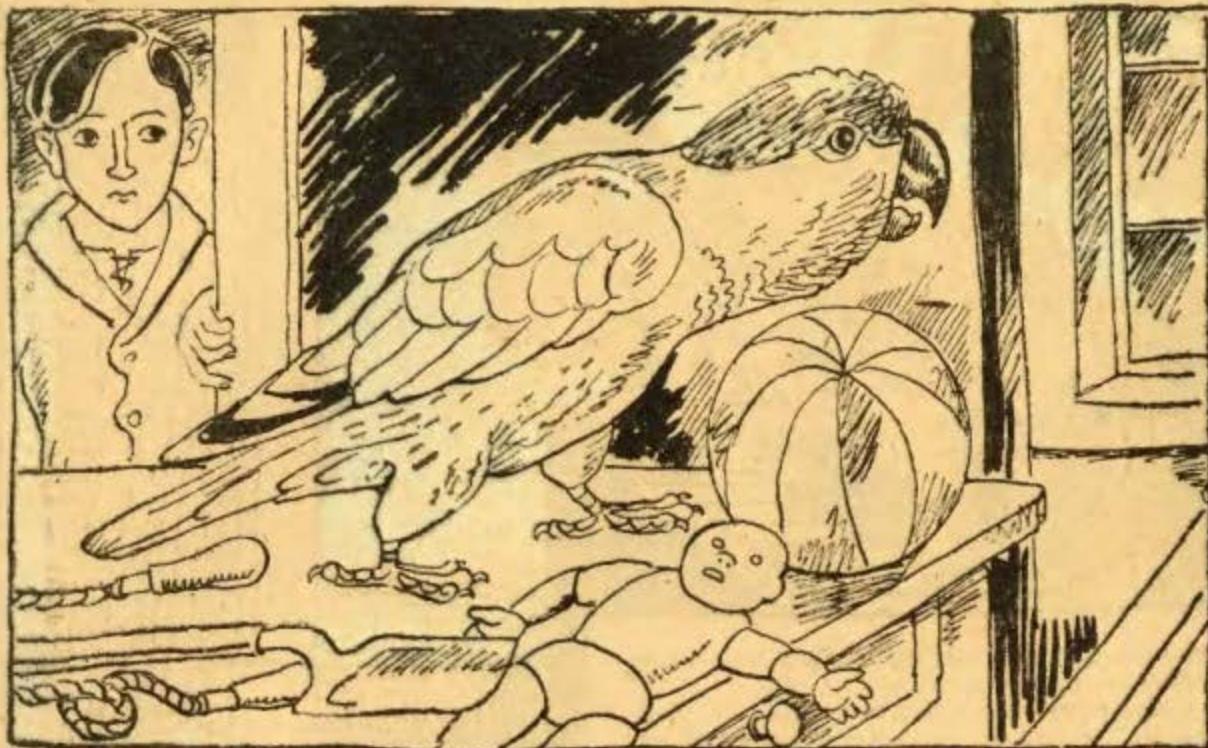
— Não se assustem, pequenos, não é nada! Qualquer coisa sem importância alguma, como no outro dia!... declarou com ênfase. Leonor destapou os olhos, cheia de pasmo e António, menos trémulo mas um tudo, nada receoso, retorquiu prontamente:

— Está claro, eu não tenho medo nenhum.

— Será o «Pachá»? — perguntou Leonor pouco convencida.

— Isso sim! Um gato não pia. Deve ser qualquer pássaro... Um môcho talvez...





Mas António, fiel á ideia antiga, lembrou de novo assustado:

— E se fôsse alguma alma do Outro Mundo?

Mas, ao contrário dos outros dias, Joãozinho, grave e sério, respondeu convicto:

— Não, não, é nada disso. O Pai nunca mente e se diz que não há fantasmas, é porque não os há. Eu vou ver!

E ante o pasmo dos irmãos, que não acreditavam no que viam, Joãozinho abriu a luz e parou rindo.

Sobre a mesa da sala dos brinquêdos, saltitando entre os «bonitos», passeava um lindo papagaio cinzento e vermelho.

— Maldito bicho! Diabos o levem; que susto nos mêtu! desabafou António, já sereno e sorridente.

Mas Leonor, pegando na mão de Joãozinho, exclamou cheia de admiração:

— Como tu és valente, Joãozinho; parecias mesmo o pai, no outro dia, quando tivemos medo por causa do Pachá!

— Assim é que te quero ver sempre, meu filho; foste corajoso e forte, pois venceste o teu pior inimigo — esse medo exagerado que te to-

lhia a inteligência e te fazia parecido a um cão-sito medroso, sempre encolhido a um canto!

Os três pequenos estavam espantados ao ver o pai junto dêles e Joãozinho córou, de orgulho e satisfação, ao ouvir as palavras elogiosas, raras na bôca de seu pai, e, por isso mesmo, de maior valia.

E quando, daí em diante, ouvia qualquer coisa estranha era sempre o primeiro a ir ver do que se tratava, sereno e firme ante o desconhecido, como um rapazinho sensato e corajoso que se tornou.

Hoje é um valente oficial aviador que expõe diariamente a vida para iniciar os colegas na arte da guerra e nos perigos da acrobacia aérea com um tal desprezo pela vida, e tanta perícia, que a todos causa espanto e admiração.

Quem seria capaz de adivinhar nêlo o assustado Joãozinho que tremia com medo de um pobre *angará* e dum papagaio?

*O medo, que feia coisa e que insensata quando não há razão para o ter!!!*

F I M

# O PATETINHA

TRADUÇÃO DO FRANCÊS por A. de S. R.

— Não mais quero aprender a ler, ai não!...  
(Dizia Alfredo, á mestra, uma manhã)  
Eu acho uma maçada a Instrução;  
Ide, antes instruir a minha irmã.

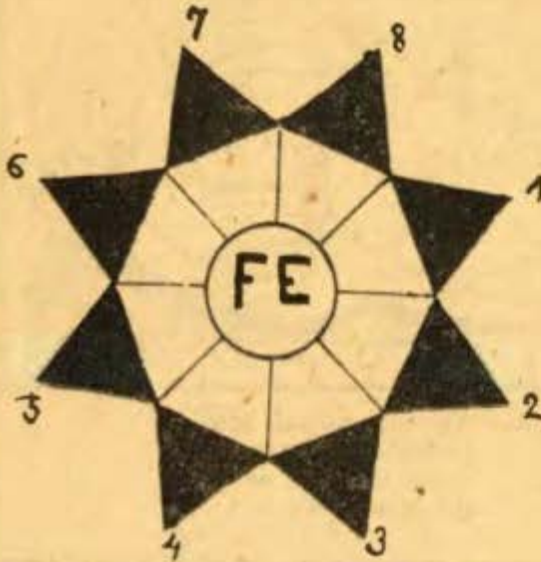
Vamos lá... meu chicote, dá o estalo  
Vibrando pelo ar como em cristal!  
A galope, a galope, meu cavalo...  
Que toda hei-de vir a ser um general!

Algum tempo passou... Quereis saber  
O que a ambos succedeu? A irmãinha  
Hoje entretém-se imenso tempo a ler  
E Alfredo ficou sempre um patetinha!

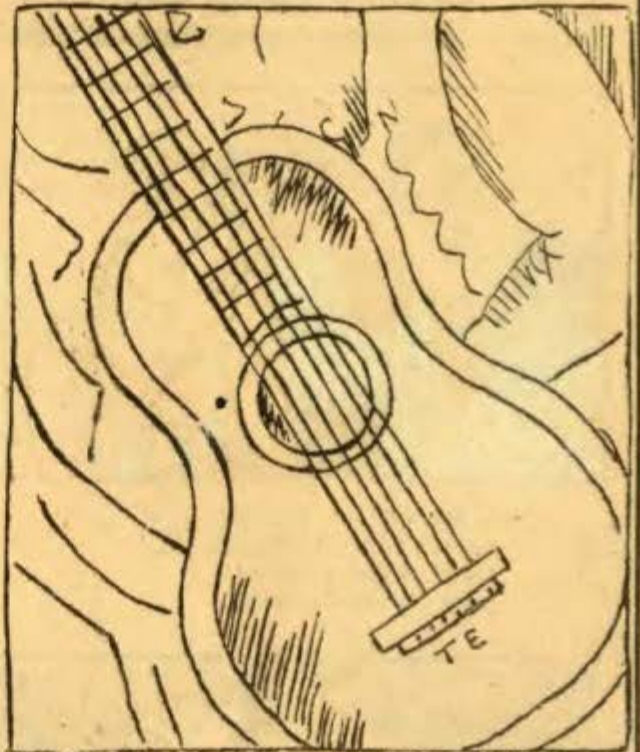


# HORA DE RECREIO

## PROBLEMA



Juntar á sílaba «FE» outra de forma a encontrar os seguintes sinónimos: — 1, carne sem gordura. — 2, Frenesim. — 3, Mau cheiro. — 4, Animal feroz e carnívoro. — 5, Magoar. — 6, Osso da côxa. — 7, O que goza felicidade. — 8 Remate.



Meus meninos: Vejam se descobrem o nome desta tocador de guitarra.

## PARA OS MENINOS COLORIEM



A HIENA PARDA OU LOBO DA RIBEIRA — (Ayaena Crunea)



# A distração dum exaltado



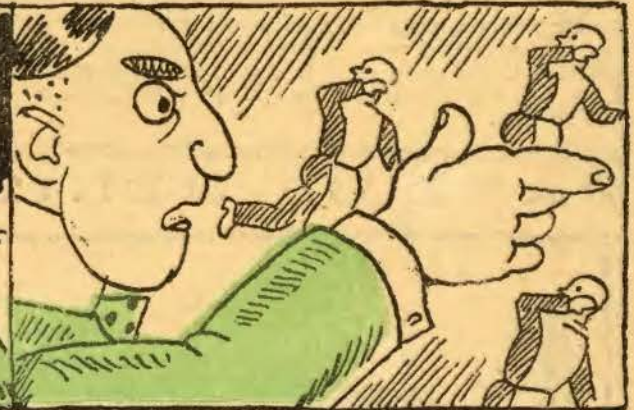
I — O senhor Dias Ventosa, sempre ao sóco e ao pontapé, todos os dias à esposa fazia um grande banzé.



II — Às vezes, na mais acêsa discussão, era vulgar pregar tal murro na mesa que ia tudo pelo ar.



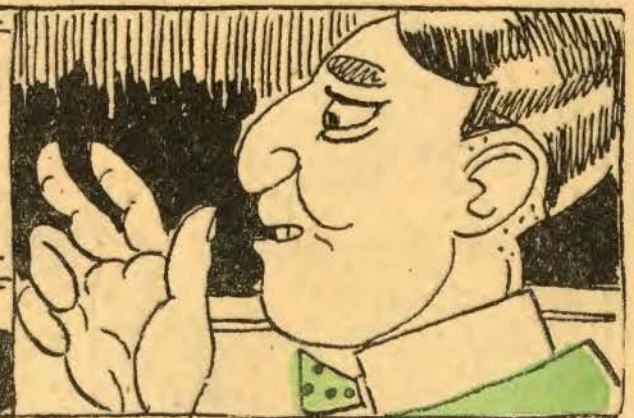
III — Se o jantar não estava pronto à hora a que êle marcara, a questão ía a tal ponto que a coisa saía cara.



IV — No meio de tal sarilho, punha os criados na rua e só não ralhava ao filho: — a única afeição sua.



V — Certo dia, o rapazinho ao pai pergunta, porém: — «Quando eu fôr homem, paizinho, terei mau génio, também?»



VI — Distráido e em reboição, volve o pai, no mesmo tom: — «Sim, filho; mas, para isso, terás de ser sempre bom!»